

A CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA DE MILTON SANTOS A PARTIR DA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

THE CONSTRUCTION OF GEOGRAPHY BY MILTON SANTOS BASED ON THE
PHILOSOPHY OF MARTIN HEIDEGGER

LA CONSTRUCCIÓN DE LA GEOGRAFÍA POR MILTON SANTOS A PARTIR DE
LA FILOSOFÍA DE MARTIN HEIDEGGER

Hugo Aureliano da Costa¹

Resumo: Este artigo objetiva identificar como o pensamento de Martin Heidegger pode contribuir para a construção da Geografia de Milton Santos, apresentando similitudes entre os pensamentos dos dois teóricos do século XX e a influência do filósofo alemão sobre o geógrafo brasileiro. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico com o intuito de se perceber, a partir dos elementos teóricos do filósofo alemão como Ser, Temporalidade, Espaço, Mundo e Técnica, a influência de Heidegger sobre o sistema coerente de ideias proposto por Milton Santos. Sendo assim, observou-se que, de fato, a geografia miltoniana se aproxima da teoria de Heidegger, especialmente nos elementos relacionados com a existência – seja dos homens ou dos lugares.

Palavras-chave: Heidegger; Milton Santos; Tempo; Espaço; Técnica.

Abstract: This article aims to identify how Martin Heidegger's thought can contribute to the construction of Milton Santos' Geography, presenting similarities between the thoughts of the two 20th century theorists and the German philosopher's influence on the Brazilian geographer. To achieve this objective, bibliographic research was carried out with the aim of understanding, based on the German philosopher's theoretical elements such as Being, Temporality, Space, World and Technique, Heidegger's influence on the coherent system of ideas proposed by Milton Santos. Therefore, it was observed that Milton's geography is close to Heidegger's theory, especially in the elements related to existence – whether of men or places.

Keywords: Heidegger; Milton Santos; Time; Space; Technique.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo identificar cómo el pensamiento de Martin Heidegger puede contribuir a la construcción de la Geografía de Milton Santos, presentando similitudes entre el pensamiento de los dos teóricos del siglo XX y la influencia del filósofo alemán en el geógrafo brasileño. Para lograr este objetivo se realizó una investigación bibliográfica con el objetivo de comprender, a partir de elementos

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor efetivo da rede básica de educação de Natal/RN. Email: aureliano.hugo@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0007418624637855>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4607-1587>.

teóricos del filósofo alemán como Ser, Temporalidad, Espacio, Mundo y Técnica, la influencia de Heidegger en el sistema coherente de ideas propuesto por Milton Santos. Por lo tanto, se observó que, de hecho, la geografía de Milton se acerca a la teoría de Heidegger, especialmente en los elementos relacionados con la existencia, ya sea de hombres o de lugares.

Palabras clave: Heidegger; Milton Santos; Tempo; Espacio; Técnica.

Introdução

É fato notório que o geógrafo Milton Santos (2012; 2014) utilizou diferentes autores para construir sua teoria do espaço geográfico e, por consequência, da Geografia. A Geografia Francesa, na figura de diferentes mestres como Pierre George, Vidal de La Blache, Jean Brunhes e Jean Tricart, serviu de ponto de partida para a teoria geográfica miltoniana. Além disso, a discussão espacial a partir do marxismo, especialmente com base nos preceitos da teoria de Henri Lefebvre, também influencia a construção teórica da Geografia de Milton Santos. Por exemplo, Santos (2014 [1968]), já sob o seio da Geografia crítica, afirma que a discussão sobre o, chamado à época, terceiro mundo se relacionava com a individualidade da existência dos lugares e das particularidades dos territórios, pois, de acordo com esse teórico, o “terceiro” mundo não seria uma repetição do “primeiro”. Nos anos 1990, entretanto, Santos modifica parte do raciocínio e vai buscar nas bases do existencialismo e da fenomenologia fundamentos teóricos para melhor compreender como as individualidades dos lugares/países devem ser apreendidas do ponto de vista geográfico.

A influência de Sartre, nesse sentido, foi essencial para esse entendimento. O filósofo francês, em sua obra *Crítica de La Razón Dialéctica* (1963), procura elucidar o papel da individualidade na construção do marxismo, que, por sua vez, esteve, em parte, mais preocupado com a universalidade dos fenômenos do que com as individualidades em si. Para Sartre, apesar dos processos universais do modo de produção capitalista, os indivíduos ainda mantêm em certa medida suas individualidades e elas são essenciais na construção de uma teoria e de um entendimento acerca da existência dos homens. Em uma leitura geográfica a partir do corpo teórico miltoniano, apesar do “mundo” ser uma verticalidade e impor forças centrífugas em todas as localidades, os “lugares” têm sua individualidade com forças centrípetas, demonstrando que, sim, podem retroagir ao mundo a partir de sua horizontalidade. Portanto, os lugares, locais da existência humana,

são a soma do universal com o particular, isto é, têm características do mundo e de sua própria individualidade, assim como é a existência humana, como atestava Sartre.

Sendo assim, a preocupação com a existência humana, ou melhor, com o indivíduo não sai do radar de Milton Santos. Pelo contrário, na fase final de sua vida esse teórico passa, cada vez mais, a estabelecer a importância dos processos definidores das individualidades dos lugares. Para isso, passa a citar autores de base “fenomenológica” e “existencialista”, como Husserl, Sartre e Martin Heidegger. Este último, filósofo alemão, tem uma preocupação muito focada na discussão sobre o “*Dasein*” e o Ser-no-Mundo. Heidegger afirma que os lugares são constituintes e inclusive definidores dos modos de existir. Não se entende, para esse filósofo, as particularidades de cada existência humana sem compreender o contexto de vivência dos lugares dos homens. Essa compreensão é, no entendimento defendido neste artigo, imprescindível para a construção das obras de Milton Santos a partir da década de 1990, em especial de sua obra máxima: *A Natureza do Espaço*, de 1996.

Destarte, esse artigo objetiva identificar como o pensamento de Heidegger pode contribuir para a construção da Geografia de Milton Santos, apresentando similitudes entre os pensamentos dos dois teóricos do século XX e a influência do filósofo alemão sobre o geógrafo brasileiro. Para atingir esse objetivo, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico com o intuito de se perceber, mediante a observação dos elementos teóricos do filósofo alemão como Ser, Temporalidade, Espaço, Mundo e Técnica, a influência de Heidegger sobre o sistema coerente de ideias proposto por Milton Santos.

A fim de atingir esse objetivo, este artigo se estrutura da seguinte forma: além desta introdução, há outros 4 tópicos. O segundo tópico, titulado “Heidegger e a espacialidade”, debate como a noção de espaço é imprescindível para o Ser, como atestava Heidegger, o que provavelmente influencia também na concepção de espaço (geográfico) estabelecida por Milton Santos. No Terceiro tópico, denominado “Ser-no-mundo e Temporalidade”, discute-se como esses dois autores tratam a inseparabilidade entre o Ser e o mundo, bem como a indissociabilidade do mundo/espço com o tempo. A Técnica e a Impessoalidade, correspondente ao quarto tópico, apresenta como a concepção de técnica é estruturante para os pensamentos de Milton Santos e Martin Heidegger, como também as consequências que a técnica pode ocasionar. Por fim, as

Considerações Finais são uma tentativa de síntese dos elementos teóricos dos dois autores.

Heidegger e a espacialidade

Martin Heidegger redefiniu as bases da filosofia e do pensamento ocidental no século XX ao escrever sua obra máxima: *Ser e Tempo*, em 1927. De acordo com Sloterdijk (2016, p. 301), “poucos intérpretes de Heidegger parecem ter se apercebido de que, sob o sensacional título programático *Ser e Tempo*, oculta-se também um tratado seminalmente revolucionário sobre o Ser e o espaço.” O espaço é, para o filósofo alemão, uma categoria fundante da existência humana. Sem o espaço, ou melhor, sem o mundo, a existência humana não se completa. Por isso, “a compreensão de ser, própria da presença, inclui, de maneira igualmente originária, a compreensão de ‘mundo’ e a compreensão do ser dos entes que se tornam acessíveis dentro do mundo” (Heidegger, 2021a, p. 49).

Heidegger clama atenção ao papel do espaço na constituição da existência humana. Relegado à segundo plano por alguns filósofos, Heidegger (2018), inspirado por Kant, afirma que espaço e tempo são categorias constituintes da existência humana. Sendo assim, para compreender o *Dasein* é necessário, portanto, perceber como o espaço influi os modos de Ser. Ou melhor, o ser-no-mundo, para esse autor, é um elemento constitutivo da Presença humana. Inclusive, “o ser-no-mundo é espacial. E somente porque a presença é espacial, tanto no modo de dis-tanciamento quanto no modo de direcionamento, o que se acha à mão no mundo circundante pode vir ao encontro em sua espacialidade” (Heidegger, 2021a, p. 165). Conforme Ramos da Silva (2016, p. 64),

esse mesmo fenômeno de distanciamento-proximidade é o que irá caracterizar o espaço ontologicamente constituído. O espaço geográfico surge, neste contexto, a partir do cotidiano do próprio ser-no-mundo, que ao auto-identificar-se como tal “julga” as distâncias para além de seu valor quantitativo, concebendo o “distanciar-se” de forma qualitativa, em um mergulho profundo no ritmo da saudade da Terra natal, pelos seus afetos, por sua singularidade.

Assim sendo, o caráter espacial a que se refere Heidegger diz respeito ao entorno e ao global que influencia nos modos de existir humano. O espaço, de tal modo, “está no mundo à medida que o ser-no-mundo constitutivo da presença já sempre descobriu um espaço. (...) É o ‘sujeito’, entendido ontologicamente, a presença, que é espacial em sentido originário” (Heidegger, 2021a, p. 166). Por isso, “o espaço só pode ser concebido

recorrendo-se ao mundo” (*ibidem*, p. 168). Para esse autor, mundo e mundanidade se tornam conceitos assoantes. O “mundo designa, por fim, o conceito existencial-ontológico da *mundanidade*.” (*ibidem*, p. 112) e “*mundano* indica, portanto, um modo de ser da presença e nunca o de ser de um ente simplesmente dado ‘no’ mundo” (*ibidem*, p. 113).

A constituição dos modos de ser, por isso, não é influenciada apenas pelas outras pessoas. O espaço do sujeito também é um elemento constituinte dos modos de ser. O homem não se forma antes do mundo ou tem algum elemento *a priori* que o conceba. Pelo contrário, a constituição da vida humana ocorre localizada no tempo e no espaço. O mundo se torna, dessa forma, um elemento indissociável do Ser e a compreensão de ambos só ocorre de forma uníssona, isto é, junta. É impossível separar os sujeitos do espaço e do próprio mundo. Por isso, “a própria presença é ‘espacial’, no tocante a seu ser-no-mundo” (Heidegger, 2021a, p. 159).

Segundo Moreira (2010), a concepção cartesiana de espaço limita o pensamento sobre como o homem constitui sua existência com o seu entorno. A noção de espaço era, consequentemente, frágil. Como aponta esse autor, Descartes separa o homem do espaço (*res extensa* e *res cogitans*) e essa dualidade, inclusive, influencia na fragilidade das ciências as quais estudam o espaço. Para Heidegger (2021a), essa dualidade/separação está equivocada, uma vez que espaço e homem são intrínsecos e um só existe com o outro. É no “com” que eles se constituem. Conforme ressalta Coutinho (2012, p. 193), “as duas partes estão num só corpo e se complementam, num ideal constitutivo”. Por isso,

quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, *espaço*. Ao se dizer ‘um homem’ e ao pensar nessa palavra aquele que é no modo humano, ou seja, que habita, já se pensa imediatamente no ‘nome’ homem a demora, na quadratura, junto às coisas. (Heidegger, 2021b, p. 136)

A estrutura do homem tem, portanto, o espaço, o mundo e ente. E é a partir ocupação, isto é, do modo de existir do Ser que o homem transforma a realidade, as regiões, os lugares e, por consequência, o espaço. Assim, “o próprio espaço se mostra *também* constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença, no que respeita à sua constituição fundamental de ser-no-mundo” (Heidegger, 2021a, p. 168).

“A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial” (Heidegger, 2021b, p. 137). E é nesse habitar que os modos de existência confluem. Para existir é preciso, de algum modo, ser. Ser diz respeito às possibilidades de transformação da existência do homem e dos próprios dos lugares. A possibilidade se torna um fator essencial para o homem. Por isso, “a presença é sempre sua possibilidade” (*ibidem*, p. 86). E essa possibilidade existe no espaço, ou melhor, quando o ente precisa ter de ser. “A presença, no entanto, está e é ‘no’ mundo no sentido de lidar familiarmente na ocupação com os entes que vêm ao encontro dentro do mundo. Por isso, se, de algum modo, a espacialidade lhe convém, isto só é possível com base nesse ser-em” (*ibidem*, p. 159).

O espaço se revelará junto com o *Dasein*. Não há espaço ou *Dasein* antes. Ambos são revelados juntos, e o espaço e o *Dasein* existem associados. Cada homem sofre a influência do espaço e o influencia. Assim, “o espaço se revela *na* existência, *no que* existe mundo, *no que* existe *Dasein*. E isso só ocorre porque a compreensão do espaço pelo *Dasein* é simultânea à compreensão de seu próprio ser” (Saramago, 2008, p. 95).

O geógrafo Eric Dardel (2011) constrói sua teoria a partir dos preceitos heideggerianos. Cria, no seu livro *O Homem e a Terra*, o conceito de geograficidade, relacionando-o à ideia de espaço geográfico e de existência humana. Para Dardel, o espaço é constituinte da existência humana, porém, nesse caso, ressalta que há vários tipos de espaços. Para que o conceito fique mais explícito, esse autor afirma que é o espaço geográfico o constituinte dos modos de existência da presença humana, pois “a realidade só é geográfica *para o homem*” (Dardel, *ibidem*, p. 8). Categorias como perto e longe, afastamento e direção, qualificam a espacialização para o homem, tendo em vista que a realidade existe com o homem e com o espaço geográfico. Ressaltando sobre o porquê de se aproximar da ideia de espaço a partir de Heidegger e não da ideia de espaço geométrico de Descartes, Dardel menciona que “espaço que engloba o espaço material, mas muito mais próximo, sem nenhuma dúvida, do espaço geográfico concreto que do espaço geométrico. Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existências que dela se aproximam” (*ibidem*, p. 13). Assim, a existência é espacial, ocorre no espaço geográfico e qualquer análise sobre os modos de Ser deve passar por essa Geografia, afinal sem o espaço geográfico não há vida. Vida e espaço se constroem juntos.

Milton Santos (1999; 2012) é adepto desse entendimento na construção de sua teoria sobre o espaço geográfico. Para esse autor, “o espaço pode ser definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos (instrumentos do trabalho) e de sistemas de ações (práticas sociais). Modos de produção e espaço geográfico evoluem juntos, movidos por uma lógica unitária” (Santos, 1999, p. 6). Os objetos e as ações só podem ser entendidos de forma inseparável e o espaço geográfico é o local da existência humana e uma instância da sociedade.

Santos (2012, p. 93) menciona Heidegger sobre a inseparabilidade das ações e dos objetos na compreensão do espaço, ressaltando a ideia do filósofo alemão sobre o onde determinar o como do ser, pois ser significa presença. Isto é, a existência não ocorre sobre um palco, a disposição de objetos e o arranjo do espaço geográfico vai influenciar a sociedade, assim como a sociedade, a partir de sua intencionalidade e ações, irá também transformar o espaço, de forma dialética ou, como menciona Heidegger, de maneira constitutiva.

O próprio Santos (1988) cita que há a inseparabilidade da sociedade com o espaço e a evolução de ambas ocorre de maneira conjunta. Por isso, “o conteúdo corporificado, já transformado em existência, é a sociedade já distribuída dentro das formas geográficas, a sociedade que se tornou espaço” (Santos, 1988, p. 8).

Silveira (2006), do mesmo modo, menciona que

com Heidegger (1958) apreendemos que o homem é o único ser na vida, entre todas as formas de vida, capaz de perguntar o que é a existência. Ele está no meio de outros existentes e tem a capacidade de se fazer essa indagação. E uma primeira resposta é que existir é estar no mundo, existir não é unicamente estar dentro de mim, mas estar fora de mim, estar no mundo, estar fora. (Silveira, 2006, p. 86)

Portanto, o homem existe no mundo e são as particularidades das existências (modos de ser) que vão estabelecer mudanças espaciais. A Geografia, de tal modo, analisa tais situações. Silveira (*ibidem*) ressalta:

estar no mundo nos chama imediatamente para uma outra noção, que nos parece fundamental em geografia, que é a ideia de situação. É o próprio Heidegger quem diz que estar no mundo é estar em situação. Estamos no mundo em situações. A existência é um conjunto de situações. Estamos com as coisas, com os outros homens e numa esfera de significados.

A Geografia de Milton Santos, desse modo, se inspira em Heidegger para centralizar a discussão de espaço pautada na existência humana. Existir e ser são inseparáveis e, como se percebe, nenhuma existência humana ocorre fora do espaço. O modo de cada ser está imbuído da influência do espaço. Por isso, como afirma Santos (1996, p. 14), “através do espaço nós podemos abraçar de uma só vez o ser e o existir”, pois a sociedade é o ser e o espaço é o existir e ambos existem de maneira constitutiva. “A sociedade global dos sociólogos existe através do espaço geográfico. É o espaço geográfico que transforma em existência a sociedade global, este ser que é um todo, mas um todo em potência. O existir, ser em ato, oferece esta ideia de epistemologia da existência, porque existindo estão todos” (*ibidem*).

Portanto, sintetizando a ideia de Milton Santos (1996), a sociedade se realiza apenas no espaço, o mundo existe nos lugares e a história se constrói nos lugares. A compreensão da sociedade com o espaço é, conseqüentemente, inseparável. Uma geografia que busque captar, em seu ínterim, a sociedade e sua complexidade deve, de tal modo, estudar o espaço como elemento constituinte dessa sociedade, que o influencia e sofre influência, pois ambos só podem ser entendidos de maneira indissociável.

Ser-no-mundo e Temporalidade

Consoante a ideia de espaço para Heidegger, o ser-no-mundo é categoricamente um elemento indispensável para compreender o *Dasein* (Heidegger, 2021a). O primeiro passo, assim, para se ter um entendimento holístico sobre esse elemento diz respeito às palavras que formam o ser-no-mundo. O ponto inicial importante é a diferença entre ser e ente. Para que se possa compreender o ser, é necessário antes distingui-lo do ente. O ente é todo elemento que já tem suas características dadas *a priori*. Uma pedra, por exemplo, é uma pedra e, por si própria, não tem possibilidade de escolha. Portanto, pedra é ente. O *Dasein*, ao contrário, é um ser, mas apenas é um ser por que a ele é dada a possibilidade de ação. Ou seja, apesar de determinadas restrições, na existência humana há possibilidades de escolhas e de se ter diferentes modos de Ser. Daí se falar que o *Dasein* tem/apresenta possibilidades. Destarte, o homem é um Ser. A existência está sempre relacionada em um determinado contexto, em um determinado período. É no mundo onde a existência se completa.

De acordo com Gorner (2017), mundo é o sistema de referência ou a rede de significados que vem a nosso encontro. O mundo é um existencial, uma estrutura de ser do *Dasein*. Apesar disso, o mundo não é uma posse privada de um indivíduo. O mundo é mundo-com outros entes, ou seja, um mundo compartilhado e é o mundo quem permite que esses entes intramundanos apareçam. Assim sendo, “Ser-no-mundo é a condição de possibilidade de comportamentos em relação aos entes” (Gorner, 2017, p. 59), pois “a expressão composta ‘ser-no-mundo’, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de *unidade*” (Heidegger, 2021a, p. 98).

No mundo há o *Dasein* e os entes intramundanos, além do próprio espaço. Os entes apresentam facticidade, isto é, têm sua essência dada e é ela quem os caracteriza. Pode-se afirmar que “os entes dentro do mundo são as coisas, as coisas naturais e as coisas ‘dotadas de valor’” (Heidegger, 2021a, p.110). Todos esses elementos, aliados ao *Dasein*, configuram o ser-no-mundo. Portanto, para ser é necessário ser-em e ser com as coisas (ser-com-os-outros). Existem entes que são simplesmente dados, mas o ser-em (ocupação) se refere a um ser em um mundo com possibilidade de ação. Ou, como Heidegger afirma, ser-junto. Esse ser-junto, através do *Dasein*, sempre será realizado com os instrumentos que rodeiam os homens. Os instrumentos, para o autor, são constituintes da existência, pois não há como existir sem esses objetos. Aliás, o *Dasein* necessita dos instrumentos e os instrumentos necessitam do *Dasein*. Como afirma Heidegger (*ibidem*, p. 116), “*um* instrumento nunca é. O instrumento *só* pode ser o que é num todo instrumental que sempre pertence a seu ser.” Por isso, “todo instrumento é ‘algo para’”. Assim, há uma indissociabilidade entre o Ser, os entes intramundanos (instrumentos) e o mundo. Para compreender a existência, é necessário apreendê-la sob o viés da unicidade desses elementos.

O ser-no-mundo vai se caracterizar pela complexidade entre esses aspectos que, a partir dessa unicidade, irão convergir para os distintos modos de ser. A individualidade do *Dasein* depende sempre do lugar cujo Ser está vinculado. Por isso, “ao atribuímos espacialidade à *presença*, temos evidentemente de conceber este ‘ser-no-espaço’ a partir de seu modo de ser” (Heidegger, 2021a, p. 159). Cabe pontuar que “a aproximação não se orienta pela coisa-eu dotada de corpo, mas pelo ser-no-mundo da ocupação, isto é, pelo que sempre vem ao encontro imediatamente no ser-no-mundo” (*ibidem*, p. 161). A ocupação é, desse modo, a forma como o Ser irá se estabelecer no mundo. De acordo com

Kahlmeyer-Mertens (2020, p. 88), “o ser-no-mundo está sempre ocupado com algo” e “os modos de ocupação são, pois, maneiras de o ser-no-mundo existir em relação aos entes no mundo, por meio de seus comportamentos o ser-no-mundo realiza seus projetos existenciais vindo a ser o ente que é na medida de suas possibilidades”. Com isso, os seres se tornam únicos e os locais onde vivem, *idem*, já que os homens se estabelecem junto aos lugares. Assim, mediante esse raciocínio, pode-se inferir que possivelmente um dos autores que influencia o Milton Santos (2013) a falar da individualidade dos lugares² é, dessa forma, Martin Heidegger.

Para completar a possibilidade dos distintos modos de ser do *Dasein*, é necessário, além da compreensão do mundo e dos instrumentos, perceber como o tempo também se torna uma categoria fundante desse raciocínio.

O *Dasein*, além de estar no mundo, também sofre a influência do tempo ou, como Heidegger (2021a) menciona, da temporalidade. O filósofo alemão divide o tempo em 3 partes, mas não as chama de passado, presente e futuro, pois essas dão um sentido de continuação. Para esse autor, o tempo não é uma linha sucessiva fechada. O que seria o “passado” não se esvai e influi no que seria o “presente” e no que seria o “futuro”; o “presente” sofre a influência do “passado” e segue para o “futuro”; e o “futuro” é a consequência das ações do “presente” e do “passado”, mas a sua possibilidade de existir influencia no “presente”. Portanto, para que não se chame dos mesmos nomes, uma vez que são fenômenos diferentes, Heidegger define esses aspectos da temporalidade como: ter sido, atualidade e porvir. É, inclusive, crítico a ideia de sucessão, pois ela traz, em si, um problema do ideário evolutivo. Heidegger (2021a, p. 437) sintetiza esse movimento ao afirmar que “temporalização não significa ‘sucessão’ de ekstases. O porvir não *vem* depois do vigor de ter sido, e este não *vem antes* da atualidade. A temporalidade se temporaliza num porvir atualizante do vigor de ter sido”.

A existência humana, além de sofrer a influência do espaço, tem nos aspectos anteriores um dado constituinte dos seres. A atualidade, com os elementos presentes, também constitui o ser humano, além da própria possibilidade do porvir, tendo em vista que o futuro é resultado, em grande parte, das escolhas e consequências das ações dos modos de ser. Sendo assim, os elementos temporais se tornam não apenas causalidade,

² Cabe pontuar que, provavelmente, a ideia de individualidade dos lugares é tributária, em primeira ordem, da Geografia Francesa e, após, possivelmente é influenciada pela Fenomenologia de Sartre e de Heidegger.

mas também consequência e estruturação da presença humana. “Com a espacialidade da presença, a análise existencial e temporal parece, portanto, chegar a um limite em que este ente, chamado presença, deve ser interpelado sucessivamente como ‘temporal’ ‘e também’ como espacial” (Heidegger, 2021a, p. 456).

Destarte, tempo e espaço são indissociáveis quando se analisa a existência humana, tendo em vista que os modos de ser estão inseridos no tempo e no espaço e esse ser-no-mundo é, dessa forma, um elemento que não é separado do tempo e do espaço. Eric Dardel, inspirado por Heidegger, observa essa inseparabilidade entre essas duas categorias e como isso é um aspecto relevante para o conhecimento geográfico. De acordo com esse autor, “temporalização de nosso ambiente terrestre, espacialização de nossa finitude, a geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio homem como pessoa e sujeito” (Dardel, 2011, p. 39 e 40).

Sendo assim, na análise geográfica há dois aspectos que conclamam a observação: como os modos de existência se tornam únicos pela constituição do ser-no-mundo e a inseparabilidade entre tempo e espaço. Ambos foram tratados por Heidegger e se tornaram indispensáveis no entendimento da Geografia de Milton Santos.

O primeiro aspecto diz respeito aos diferentes modos de ser. Segundo Dantas (2014, p. 53), “na perspectiva de Heidegger e de Milton Santos, o que deve ser analisado somos nós mesmos ‘ao tempo que o ser desse ente é cada vez mais meu’. Precisamos entender que existe uma forma de ser de cada lugar, e que a sua explicação encontra-se aí, em seu modo de ser-no-mundo.” O que o autor quer elucidar? Que os lugares são constituídos por diferentes modos, haja vista que cada ente é único, cada ser é individual e o mundo/lugar é também diferente, além da própria influência do tempo em si. Os lugares, enquanto locais dos acontecimentos solidários, estarão vinculados às verticalidades e horizontalidades pelo fato de a individualidade ser o aspecto mais característico de cada Ser. Se os seres são individuais, os locais onde eles vivem também serão, pois estão em confluência pelos aspectos globais e locais. Portanto, cada lugar será o resultado dos diferentes processos, pois as forças centrífugas e centrípetas resultarão em distintas singularidades.

A compreensão de Milton Santos (2014) acerca do “terceiro mundo” é que este não é o espelho do “primeiro mundo”. Pelo contrário, por se ter particularidades históricas e espaciais, os países mais pobres terão suas individualidades e suas estruturas

socioespaciais serão, por conseguinte, diferentes. Caso a Geografia busque estudar hoje os chamados países do sul por teorias que apenas importam à análise dos países ricos, provavelmente a análise estará convalescida. Porém, se, ao invés de importar modelos, a Geografia estabelecer o conhecimento a partir dos distintos modos de ser, pode, com maior facilidade, analisar a existência dos países do sul. A individualidade (modo de ser) é, dessa maneira, um fator essencial para a apreensão dos lugares, haja vista que os fenômenos apresentam influência de três escalas: global, nacional e local. Assim, a compreensão de Heidegger da particularidade da existência do ser-no-mundo contribui para que a Geografia possa pensar, mediante suas categorias e conceitos, uma perspectiva de análise existencial a qual consiga apreender a complexidade do fenômeno e de como os distintos objetos e ações utilizam os territórios. Apesar de o marxismo trazer aspectos universais, particulares e singulares relevantes, Milton Santos busca na fenomenologia de alguns autores, como Sartre e Heidegger, as bases para melhor se pensar a existência individual dos lugares e dos países, isto é, dos distintos modos de ser.

Além disso, assim como Heidegger atesta a inseparabilidade do espaço e tempo, bem como dos diferentes aspectos da temporalidade, Milton Santos (2012) também irá procurar na filosofia elementos que corroborem com a analítica espaciotemporal. Para o filósofo alemão, o tempo não é uma sucessão e não desaparece por completo. Milton Santos estabelece um raciocínio semelhante e afirma que o espaço geográfico é local (do eixo) das coexistências. Não há espacialmente uma lógica clara de sucessão, mas sim objetos geográficos pertencentes a distintas épocas que influenciam aqueles lugares no tempo presente. É por isso que se pode falar nas idades dos lugares (Santos, 2013), haja vista que as técnicas pertencem a diferentes épocas e os objetos dessas épocas coexistem no espaço geográfico.

De acordo com Santos (2012, p. 54), “tempo, espaço e mundo são realidades históricas” e o “ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se”. Sendo assim, é com a sociedade humana que se observa a inseparabilidade entre tempo e espaço. Conforme ainda menciona Santos (*ibidem*), “essa realização dá-se sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições”. Ou seja, a união do tempo e do espaço se dá através dos objetos e das ações. “Assim empirizamos o tempo, tornando-o material, e desse modo o assimilamos ao espaço, que não existe sem a materialidade” (*ibidem*).

Portanto, as técnicas não desaparecem, influenciam no presente e se constituem como elementos para o futuro estando no espaço geográfico. Essa materialidade é um dado que todas as sociedades sofrem influência, afinal o espaço não é um palco, mas resultado de diferentes épocas e, com sua estrutura, influencia o presente, além de ser em parte transformado pelas próprias sociedades. O espaço é, dessa maneira, um elemento extremamente importante e o tempo empiricizado, através dos objetos técnicos (materialidade) pertencentes a diferentes épocas e que coexistem atualmente, torna-se também um elemento indispensável para a sociedade. As técnicas permitem essa análise, uma vez que são datadas e estão presentes de forma ubíqua nos lugares. Cada técnica estabelecerá distintos usos e são elas quem unem o espaço ao tempo através dos objetos geográficos.

Assim como Heidegger critica a ideia de sucessão absoluta, Milton Santos se aproxima da proposta do filósofo alemão sobre a questão da temporalidade. O geógrafo brasileiro estabelece uma noção muito próxima quando trabalha com a ideia de empiricização do tempo a partir dos objetos técnicos e especialmente da ideia de eventos (Santos, 2012). Para Milton Santos, há objetos atuais e anteriores co-existindo nos lugares e os eventos, enquanto flechas do tempo, trazem novas materialidades a esses lugares. Por isso, nos lugares coexiste o tempo empiricizado (objetos técnicos de distintas épocas), o que irá permitir distintos usos a partir das particularidades de cada lugar.

Portanto, “o espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (território) relacionadas com possibilidades diferentes do uso do tempo” (Santos, 2012, p. 160) e “cada evento é fruto do Mundo e do Lugar ao mesmo tempo” (*ibidem*, p. 164). É por essa razão que “no espaço geográfico, se as temporalidades não são as mesmas, para os diversos agentes sociais, elas, todavia, se dão de modo simultâneo” (*ibidem*, p. 159), afinal “o entendimento dos lugares, em sua situação atual e em sua evolução, depende da consideração do eixo das sucessões e do eixo das coexistências” (*ibidem*, p. 159). Ou seja, no espaço geográfico objetos técnicos pertencentes ao passado influenciam o presente, ao passo que os objetos do presente influenciarão o futuro, bem como as possibilidades do futuro influenciam na construção do próprio presente – coexistindo espacialmente através das universalidades, particularidades e singularidades. Os lugares que melhor se adequam à racionalidade atual

e que apresentam tempos rápidos são, por consequência, os que têm maior quantidade de objetos geográficos mais recentes, como é, por exemplo, o campo modernizado brasileiro.

Além disso, para Santos (2012), outro traço característico dessa indissociabilidade de tempo-espço são as rugosidades. Estas são elementos pertencentes a épocas anteriores, que mudaram seu conteúdo e têm hoje outro papel dentro das sociedades atuais. Santos (*ibidem*) afirma que a modernização é seletiva e não chega a todos os locais na mesma velocidade, o que irá gerar um uso desigual dos territórios e, por conseguinte, terá diferentes velocidades (tempos rápidos e tempos lentos) com a acumulação desigual dos tempos – através dos distintos objetos técnicos. “As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais e sociogeográficas” (Santos, 2012, p. 43) que influenciam a constituição do tempo presente dos lugares.

Por isso, sintetiza Milton Santos (2002, p. 21), “parafraseando Heidegger, para quem sem o homem não há tempo, é desse tempo do homem, do tempo social contínuo e descontínuo, que não flui de maneira uniforme, que temos de tratar. E é por aí que se vê que esses diversos tipos de tempo convergem e divergem.” Portanto, tempo e espaço são indissociáveis quando se as existências – seja dos lugares ou do próprio Ser.

A técnica e a impessoalidade

A técnica é um elemento caro para a filosofia de Martin Heidegger. Diante das transformações do século XX, geradas, em grande parte, pelos avanços tecnológicos, o homem revolucionou os aspectos técnicos e assim pôde praticamente transformar o mundo em sua completude. A técnica é o elemento que permite e ocasiona tais transformações, isto é, é mediante os usos técnicos que o homem adapta o meio aos seus desígnios. Heidegger assevera que a técnica deve ser pensada não apenas em seu caráter instrumental, mas em sua completude. Por isso afirma que para entender a técnica é necessário compreender a sua própria essência. Segundo esse autor, “a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico” (Heidegger, 2021b, p. 11). O que o filósofo alemão quer afirmar com isso?

As transformações da técnica, ou melhor, os sentidos da técnica não estão no objeto técnico em si, mas em quem o desenvolveu para uma determinada finalidade. É óbvio que a técnica tem seu caráter instrumental, porém a sua capacidade de transformar

a natureza, tornando-a apenas um artifício, é criada por quem a concebe. Ou seja, a essência da técnica não é a técnica, e sim o caráter anterior a ela. Sendo assim, “a técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de descobrimento” (*ibidem*, p. 17).

Heidegger menciona que “a concepção corrente da técnica de ser ela um meio e uma atividade humana pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica.” (2021b, p. 12) Apesar disso, ressalta que essa produção necessita do caráter anterior – do desenvolvimento e da produção. Desse modo, esse autor não nega a instrumentalidade, no entanto ressalta sobre as possibilidades suscitadas pela técnica. Por isso, “o descobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar” (*ibidem*, p. 20). É a com-posição que produz o mundo e transforma os lugares.

E qual o problema da técnica hoje? É que a sua essência pode gerar impessoalidade, uniformizando as distintas existências e assim provocando o desenraizamento das pessoas e dos lugares. Sobre essa preocupação, menciona Heidegger:

quando o recanto mais remoto do globo tiver sido conquistado pela técnica e explorado pela economia, quando um qualquer acontecimento se tiver tornado acessível em qualquer lugar a qualquer hora e com uma rapidez qualquer, quando se puder ‘viver’ simultaneamente um atentado a um rei na França e um concerto sinfônico em Tóquio, quando o tempo for apenas rapidez, momentaneidade e simultaneidade e o tempo enquanto História tiver de todo desaparecido da existência de todos os povos, quando o pugilista for considerado o grande homem de um povo, quando os milhões de manifestantes constituírem um triunfo – então, mesmo então continuará a pairar e estender-se, como um fantasma sobre toda esta maldição, a questão: para quê? – para onde? – e depois, o que? O declínio espiritual da terra está tão avançado que os povos ameaçam perder a sua última força espiritual que [no que concerne o destino do ‘Ser’] permite sequer ver e avaliar o declínio como tal. Esta simples constatação nada tem a ver com um pessimismo cultural, nem tampouco, como é óbvio, com um otimismo; pois o obscurecimento do mundo, a fuga dos deuses, a destruição da terra, a massificação do homem, a suspeita odienta contra tudo que é criador e livre, atingiu, em toda a terra, proporções tais que categorias tão infantis como pessimismo e otimismo já há muito se tornaram ridículas. (Heidegger, 1999, p. 40-41).

A preocupação de Heidegger com a impessoalidade e decadência é compreendida no sentido de que a grande técnica moderna desenraiza os lugares,

uniformiza os padrões e destrói as particularidades dos lugares e das pessoas. Como afirma esse autor, “tentação, tranquilização e alienação caracterizam, porém, o modo de ser da *decadência*” (Heidegger, 2021a, p. 330). Ou seja, o filósofo alemão estabelece um ponto significativo para essa discussão: o obscurecimento da existência pode ocorrer devido a técnica, ou melhor, quem a produz tende a criar impessoalidade e uniformidade.

A uniformização dos padrões é uma consequência, em especial, das empresas globais, uma vez que o padrão criado por esses agentes globais é o que se torna universal e chega em praticamente todos os lugares. Apesar das pessoas não perceberem como os seus cotidianos estão imbuídos de padrões que não se vinculam ao seu próprio cotidiano, Heidegger (2021a) chama esse fato de impessoalidade. A respeito do impessoal, ele “é o *ninguém*” (*ibidem*, p. 329), uma vez que, geralmente, os aspectos impessoais não ficam claros para aqueles que sua existência caminha para a inautenticidade.

O contrário da impessoalidade é a autenticidade. Mas a técnica moderna, de fato, retira a autenticidade do globo e funda seus produtos no impessoal. “Com essa ambiguidade, a presença adquire a capacidade de perder-se no impessoal, no tocante a um poder-ser privilegiado, que pertence ao seu ser mais próprio. O impessoal dá razão e incentiva a *tentação* de encobrir para si o ser-para-a-morte mais próprio” (*ibidem*, p. 329).

Portanto, a essência da técnica moderna é a uniformização da existência, o que tende a levar o Ser para a decadência. A impessoalidade, criada a partir da técnica, padroniza lugares, padrões e comportamentos, e com isso encobre o entendimento da própria existência, tornando-a inautêntica. Esse fator, antes mesmo da tecnologia da informação e da internet, é percebido por Heidegger e se torna motivo de preocupação para o filósofo alemão.

De acordo com Santos (2012, p. 37), a técnica não pode ser vista mais de forma separada, mas sim como um fenômeno, uma vez que “o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico”. Se a técnica transforma os lugares, ela está, por obviedade, no espaço geográfico. Assim, é apenas no atual período que se tem as bases fundamentais para propagar as técnicas de forma global. O atual período é a globalização (período técnico-científico-informacional). Esse período “é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política” (Santos, 2020, p. 23).

As técnicas e a política se unem atualmente com o intuito de transformar os distintos lugares do mundo. A política, nesse caso, é compreendida como as normas que influem no território e as grandes empresas são, portanto, criadoras de normas que alteram os costumes e os lugares. Para Santos (2012, p. 45), “o processo de globalização, em sua fase atual, revela uma vontade de fundar o domínio do mundo na associação entre grandes organizações e uma tecnologia cegamente utilizada”.

A tendência universalizante da técnica afirmada por Heidegger encontra subsídios especialmente no pós-1970, tendo em vista a associação presente entre o sistema técnico e as grandes empresas. Por isso, “é a partir da unicidade das técnicas, da qual o computador é uma peça central, que surge a possibilidade de existir uma finança universal, principal responsável pela imposição a todo globo de uma mais-valia mundial” (Santos, 2020, p. 27). Essa possibilidade altera a realidade por completo, pois “a tecnologia constitui não apenas uma esfera da realidade, mas uma ordem da realidade” (Santos, 2012, p. 299).

Sendo uma ordem, altera os lugares, pois é verticalidade. “Essas ações racionais são cada vez mais numerosas. Sua racionalidade deve-se, em grande parte, à própria natureza dos objetos técnicos, cuja vocação original é, exatamente, servir a uma ação racional, ação que se quer precisa, graças às técnicas concretas” (Santos, 2012, p. 81). Daí se falar em ação racional e em espaço racional, pois as técnicas têm, no comando das grandes empresas, uma tendência de uniformizar padrões, costumes e consumos através dessas ações verticais e racionais.

Conforme Santos, “são as ações que, em última análise, definem os objetos, dando-lhes sentido. Mas hoje, os objetos ‘valorizam’ diferentemente as ações em virtude de seu conteúdo técnico” (2012, p. 98). Ressalta ainda o autor: “a presença dessas verticalidades produz tendências a fragmentação, com a constituição de alvéolos representativos de formas específicas de ser horizontal a partir das respectivas particularidades” (2020, p. 110). Portanto, como as ações criadas a partir da técnica modificam os lugares, elas se realizam a partir dos objetivos originários, isto é, da essência em seu acontecer. Por essa razão, “a influência das técnicas sobre o comportamento humano afeta as maneiras de pensar, sugerindo uma economia de pensamento adaptado à lógica do instrumento” (Santos, 2012, p. 186).

Como ressaltado, essa tendência instrumental da técnica hoje se realiza mediante a confluência das empresas no território e isso gera impessoalidade nas pessoas e também nos lugares. Sendo assim, “as técnicas apenas se realizam, tornando-se história, com a intermediação da política, isto é, da política das empresas e da política dos Estados, conjunta ou separadamente” (Santos, 2020, p. 26). Em razão desse fato, “agora, tudo se mundializa” (Santos, 2012, p. 204). E isso sempre irá ocorrer no espaço geográfico, pois este é constitutivo da existência humana. Assim, “a racionalidade que estamos testemunhando no mundo atual não é apenas social e econômica, ela reside, também, no território” (*ibidem*, p. 187).

A racionalidade (dominante) se aproxima, portanto, da noção de impessoalidade apreendida por Heidegger. Mas assim como a impessoalidade/inautenticidade não está presente em todas as pessoas, os lugares também não são completamente racionais. Há verticalidades e horizontalidades nos lugares (Santos, 2012). O lugar é, portanto, a soma ou o resultado das verticalidades e horizontalidades presentes. As forças centrífugas (verticais) e as forças centrípetas (horizontais) correspondem às ordens globais e locais as quais se apresentam nos lugares.

Essa dualidade de ordens se realiza nos lugares de forma dialética e constitui, dessa maneira, o meio técnico-científico-informacional. Conforme Santos (2012, p. 338), “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. Como a ordem global é refratária dos desígnios da impessoalidade das grandes empresas, essa ordem “funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática” (*ibidem*, p. 339). A ordem local, pelo contrário, “funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a copresença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade” (*ibidem*).

Portanto, apesar do fenômeno técnico se impor a todos os lugares, essas verticalidades não se impõem sem se ter, ao menos, a força de muitos lugares retroagindo a esse movimento. A técnica é, de fato, muito forte no mundo atual, entretanto os lugares podem e conseguem não sucumbir a todos os padrões técnicos, embora essa tendência universalizante seja cada vez mais forte e mais lugares (e pessoas) se submetem aos padrões técnicos do atual período. A preocupação heideggeriana sobre a impessoalidade

da técnica também ocorre com Milton Santos. Heidegger afirma que o caminho para sair dessa camisa de força é a busca pela autenticidade, enquanto Santos estabelece que é a força do lugar, através das horizontalidades e contrarracionalidades, com um novo uso das técnicas que permite uma outra globalização, afinal

a grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas da informação, as quais – ao contrário das técnicas das máquinas – são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos, ainda que seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitalistas atuais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas dóceis estarão a serviço do homem. (Santos, 2020, p. 174)

Assim sendo, a técnica, apesar de sua operacionalidade, é um fator de preocupação para esses dois teóricos. Deve-se refletir sobre os usos da técnica para pensar acerca dos mais distintos aspectos da existência humana.

Considerações finais

Discutir a existência humana demanda um corpo teórico que apresente elementos distintos para compreender esse fenômeno, que é tão complexo. A filosofia e a geografia têm objetos de estudos diferentes, mas que, em diversos pontos, coadunam-se. Martin Heidegger é conhecido por ser um filósofo que revoluciona a filosofia do século XX e traz novos preceitos para a fenomenologia e para o existencialismo a partir de suas ideias, como, por exemplo, o que é o Ser, o mundo, a temporalidade, o espaço e o papel da técnica na constituição da existência humana. Diversos aspectos de sua teoria influenciam não apenas filósofos, mas também geógrafos, como se percebeu neste artigo.

Milton Santos é um dos teóricos da Geografia que busca refundar as bases dessa ciência com apoio da filosofia. Um dos aspectos mais relevantes da obra de Milton Santos é não buscar discutir o que é a Geografia, e sim o objeto de estudo dessa ciência: o espaço geográfico. Este, apesar da virada espacial do século XX, ainda é colocado em segundo plano por diversos teóricos e distintas ciências do campo das humanidades. Heidegger retoma a preocupação com o espaço como elemento constituinte da existência humana e Milton Santos, portanto, torna-se refratário desse entendimento.

Não há, como observado neste artigo, o ser humano de um lado e o espaço do outro. Pelo contrário, ambos se constituem de maneira uníssona. Aliás, o Ser, o tempo e o espaço são indissociáveis. A perspectiva de tempo deve ser vista sob o âmbito da

coexistência – e não da sucessão. Sendo assim, o Ser existe apenas com seu entorno (os lugares), o espaço é constituinte desse Ser e o tempo, através do ter sido, da atualidade e do porvir, vai influenciar os seres humanos e, por consequência, os lugares. Dessa forma, as teorias de Martin Heidegger e Milton Santos se relacionam, ficando claro como o geógrafo brasileiro estabelece um raciocínio próximo do filósofo alemão.

Além disso, a técnica, fator tão relevante para a filosofia de Heidegger, é campo de preocupação também para Santos. Para o geógrafo (2012), a técnica é quem une os objetos e as ações e, portanto, reúne as categorias internas e externas do espaço geográfico. A técnica se impõe aos lugares e traz uma racionalidade vertical, isto é, a impessoalidade. Mas ela não se realiza sobre um palco. Os lugares também têm horizontalidades e assim podem retroagir, pois a ordem local não necessariamente cede a todos os fatores impostos de fora. Fato é que o mundo se torna cada vez mais técnico-informacional, porém, apesar de impor forças centrípetas aos lugares, as ordens locais também existem e dialeticamente somam-se com as ordens globais. Por isso, a técnica, ou melhor, o fenômeno técnico se torna tão relevante para o mundo atual, uma vez que consegue influenciar os seres humanos e os lugares.

Assim, é a partir desses elementos que se observa como Martin Heidegger influencia a Geografia de Milton Santos – especialmente o sistema coerente de ideias apresentado pelo geógrafo no livro *A Natureza do Espaço*.

Referências

COUTINHO, Bernard Teixeira. Um estudo sobre a ontologia do espaço na obra de Martin Heidegger. **GeoTextos**, vol. 8, n. 1, jul. 2012.

DANTAS, Aldo. Geografia e Epistemologia do Sul na obra de Milton Santos. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49-61, jan. 2015.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GORNER, Paul. **Ser e Tempo: uma chave de leitura**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Lisboa: Edições 70, 2018.

- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021a.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2021b.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MOREIRA, Ruy. O mal-estar espacial no fim do século XX. In: MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 133-141.
- RAMOS DA SILVA, Felipe Kevin. As Contribuições de Heidegger e Merleau-Ponty para a compreensão ontológica do Espaço e do Lugar. **PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, [S. l.], v. 5, n. 9-10, p. 57–71, 2017. DOI: 10.26512/pl.v5i9-10.11710. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/11710>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- SANTOS, Milton. O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica. São Paulo: **Revista Terra Livre**, n. 5, p. 9-20, 1988.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia Cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 21, p. 7-14, ago., 1996.
- SANTOS, Milton. Modo de Produção técnico-científico e diferenciação espacial. Rio de Janeiro: **Revista Território**, IV, n. 6, p. 5-20, 1999.
- SANTOS, Milton. O Tempo nas Cidades. **Ciência e Cultura**, vol. 54, n. 2, São Paulo, Out./Dez, 2002. Disponível em </ http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252002000200020&script=sci_arttext&tlng=pt />. Acesso em 05 de outubro de 2023.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2012.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: Edusp, 2013.
- SANTOS, Milton. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: Edusp, 2014.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- SARAMAGO, Lígia. **A topologia do ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger**. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de La Razón Dialéctica**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1963.

SILVEIRA, M. L. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n.19, p. 81-91, 2006.

SLOTERDIJK, P. **Esferas I: bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

Recebido em 05 de novembro de 2023.

Aceito 08 de março de 2024.

Publicado em 22 de março de 2024.